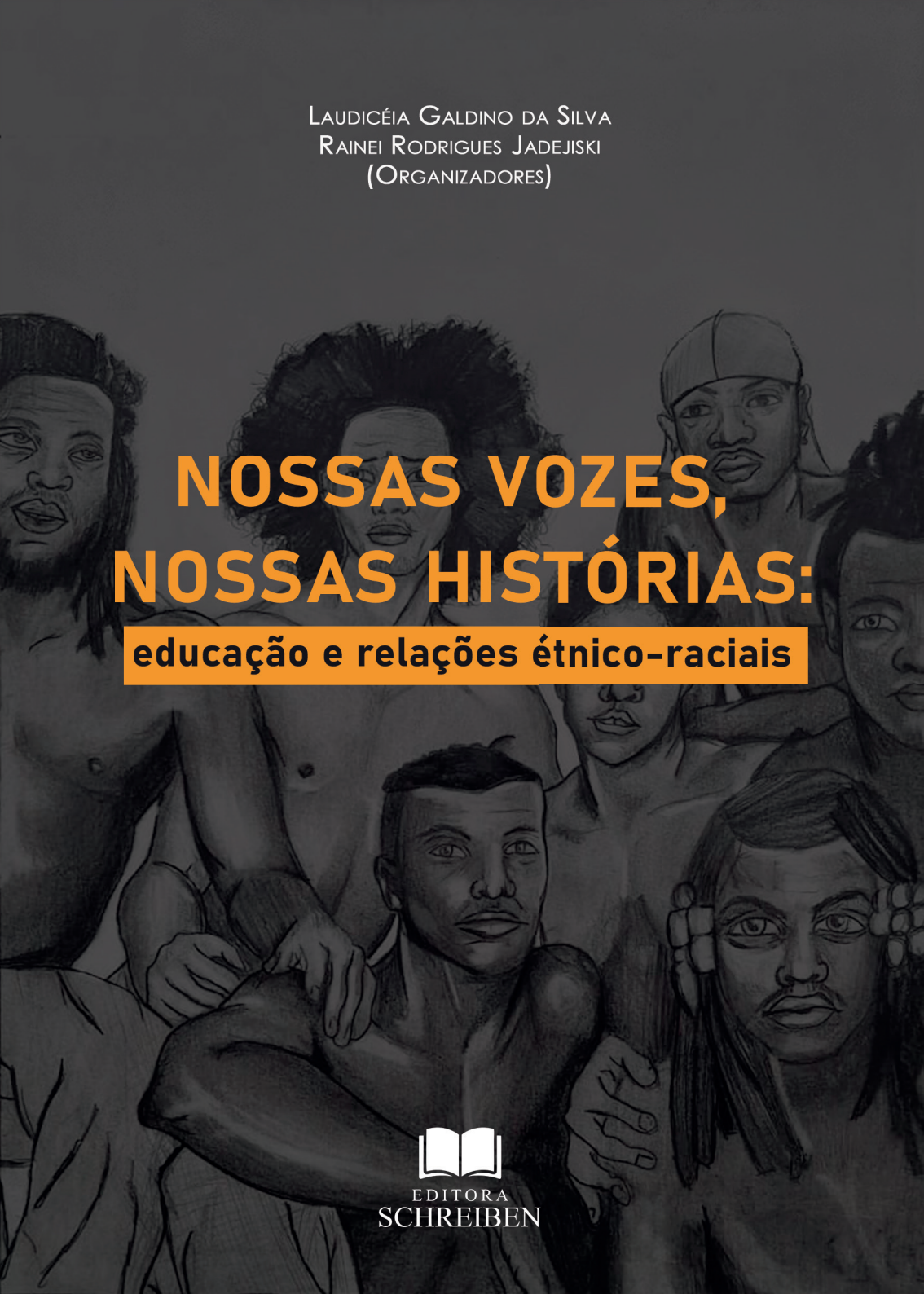


LAUDICÉIA GALDINO DA SILVA
RAINEI RODRIGUES JADEJISKI
(ORGANIZADORES)



NOSSAS VOZES, NOSSAS HISTÓRIAS:

educação e relações étnico-raciais


EDITORA
SCHREIBEN

NOSSAS VOZES, NOSSAS HISTÓRIAS:



educação e relações étnico-raciais

LAUDICÉIA GALDINO DA SILVA
RAINEI RODRIGUES JADEJISKI
(ORGANIZADORES)

NOSSAS VOZES, NOSSAS HISTÓRIAS:



educação e relações étnico-raciais


EDITORA
SCHREIBEN

2025

© Dos Organizadores - 2025

Editoração e capa: Schreiben

Imagem da capa: Estevão Borges

Revisão: os autores

Livro publicado em: 29/10/2025

Termo de publicação: TP1062025

Conselho Editorial (Editora Schreiben):

Dr. Adelar Heinsfeld (UPF)

Dr. Airtton Spies (EPAGRI)

Dra. Ana Carolina Martins da Silva (UERGS)

Dr. Cleber Duarte Coelho (UFSC)

Dr. Daniel Marcelo Loponte (CONICET – Argentina)

Dr. Deivid Alex dos Santos (UEL)

Dr. Douglas Orestes Franzen (UCEFF)

Dr. Eduardo Ramón Palermo López (MPR - Uruguai)

Dr. Fábio Antônio Gabriel (SEED/PR)

Dra. Geuciane Felipe Guerim Fernandes (UENP)

Dra. Ivânia Campigotto Aquino (UPF)

Dr. João Carlos Tedesco (UPF)

Dr. Joel Cardoso da Silva (UFPA)

Dr. José Antonio Ribeiro de Moura (FEEVALE)

Dr. Klebson Souza Santos (UEFS)

Dr. Leandro Hahn (UNIARP)

Dr. Leandro Mayer (SED-SC)

Dra. Marcela Mary José da Silva (UFRB)

Dra. Marciane Kessler (URI)

Dr. Marcos Pereira dos Santos (FAQ)

Dra. Natércia de Andrade Lopes Neta (UNEAL)

Dr. Odair Neitzel (UFFS)

Dr. Wanilton Dudek (UNESPAR)

Esta obra é uma produção independente. A exatidão das informações, opiniões e conceitos emitidos é de exclusiva responsabilidade do(s) autor(es).

Editora Schreiben

Linha Cordilheira - SC-163

89896-000 Itapiranga/SC

Tel: (49) 3678 7254

editoraschreiben@gmail.com

www.editoraschreiben.com

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

N899 Nossas vozes, nossas histórias : educação e relações étnico-raciais / organizadores, Laudicéia Galdino da Silva e Rainei Rodrigues Jadejiski. 90 p. : il. ; e-book ; 15 x 21 cm.
E-book no formato PDF.
ISBN: 978-65-5440-553-9 [versão impressa]
EISBN: 978-65-5440-552-2 [versão digital]
DOI: 10.29327/5705458
1. Relações étnico-raciais. 2. Diversidade cultural. 3. Protagonismo estudantil. 4. Literatura escolar. 5. Identidade e resistência. I. Silva, Laudicéia Galdino da. II. Jadejiski, Rainei Rodrigues. III. Título.

CDD 305.8

Bibliotecária responsável Juliane Steffen CRB14/1736

SUMÁRIO



APRESENTAÇÃO.....	11
<i>Laudicéia Galdino da Silva Rainei Rodrigues Jadejiski</i>	

PREFÁCIO.....	13
<i>Danielle Mariane Alvarenga Pugas Gilda de Almeida Bastos</i>	
<i>Maria Aline de Jesus Roxa Verônica de Mello Timoteo Almeida</i>	

PROSA

A NATUREZA ANTES DOS PORTUGUESES.....	16
<i>Eloá de Paula Alcantara</i>	

O QUE ACONTECEU COM ELA?.....	17
<i>Gabriele Lima Costa</i>	

A TRISTEZA DE TER CABELOS CRESPOS.....	18
<i>Maria Luiza Moreira de Freitas</i>	

A AVENTURA DE NINA NA ANGOLA.....	20
<i>Valentim Lameira Garcia</i>	

CABELO BOM É O QUÊ?.....	22
<i>Clarice da Silva Guerra</i>	

A ATITUDE QUE FALTA.....	25
<i>Danielly Vieira Valin</i>	

O CABELO, O RISO E O ABRAÇO.....	27
<i>Maísa Oliveira dos Santos</i>	

VOZES EM SILÊNCIO.....	28
<i>Sara Martins de Souza</i>	

O SILÊNCIO PERPETUA O PRECONCEITO.....	29
<i>Lara Durães Vieira</i>	

CADA UM OFERECE O QUE TEM.....	30
<i>Maria Eduarda de Freitas Feu</i>	

O BRILHO É PARA TODOS.....	31
<i>Jorge Daniel da Silveira Souza</i>	
OS INVISIBILIZADOS.....	33
<i>Agatha de Souza Bastos</i>	
SOBRE CAFÉ, CORES E DESIGUALDADE.....	34
<i>Jamilli Oliveira dos Santos</i>	

VERSO

TEMPO DA ESCRAVIDÃO.....	36
<i>Antonio Augusto Leal Degasperi</i>	
DIGA NÃO AO RACISMO!.....	37
<i>Celena Menegucci Pires Vargas</i>	
VALEU A PENA LUTAR.....	38
<i>Dimas Francisco Mafort de Oliveira</i>	
UMA HISTÓRIA REAL.....	39
<i>Esther Moreira Medeiros</i>	
TINHA QUE SER PRETO.....	40
<i>Francielli dos Santos Salazar</i>	
MINHA CONQUISTA.....	41
<i>Geovanna Vitoria Lira Pilon</i>	
AFRICANOS.....	42
<i>Heloisa Maria Amaral de Sousa Jandre</i>	
NAS CORES DO RESPEITO.....	43
<i>Isabele Eler Pavão</i>	
SABE QUE A ESCRAVIDÃO MARCA MINHA HISTÓRIA.....	44
<i>Kethely Sophia de Sousa Verly</i>	
RACISMO NÃO.....	45
<i>Lauan Rocha Rodrigues Salazar</i>	
CAROL.....	46
<i>Maria Eduarda de Oliveira Silva</i>	
DESTRUIÇÃO NO BRASIL: ESCRAVIDÃO.....	47
<i>Sofia Ketlllyn Messias Gonçalves</i>	

A ESCRAVIDÃO DOS POVOS.....	48
<i>Virgílio Pereira Honorato de Lima</i>	
A COR DA HISTÓRIA.....	49
<i>Alice Clem Silva Balbino</i>	
ORGULHO QUE ECOA.....	50
<i>Amanda Azevedo Cabral</i>	
A VOZ QUE ECOA.....	51
<i>Emanuel Miguel Melo da Silva</i>	
A EDUCAÇÃO É O CAMINHO.....	53
<i>Esthéfany do Couto Pacheco</i>	
RESISTÊNCIA.....	55
<i>Gabriel Vilela Bueno</i>	
RACISMO? TÔ FORA!.....	56
<i>Guilherme Xavier Guimarães</i>	
VOZ DA TERRA.....	57
<i>Isabelly Vitoria Nunes de Lima</i>	
TODOS NÓS SOMOS IGUAIS.....	58
<i>Juliano Vitaro Mateus Costa</i>	
A LUTA NÃO PARA!.....	59
<i>Pietro Monteiro Basílio</i>	
SOMOS IGUAIS.....	60
<i>Thais Freitas da Costa</i>	
NOSSO BELO E DECADENTE MUNDO.....	61
<i>Daniel Sailer dos Santos</i>	
SAUDADE DA MINHA NAÇÃO.....	62
<i>Isabelle Teixeira Barbosa</i>	
A VOZ QUE MUITOS NÃO ESCUTAM.....	63
<i>Lavinea Eulalia Silverol Bueno da Silva</i>	
PRECONCEITO.....	64
<i>Yuri da Cruz Martins</i>	

A HERANÇA DA CORAGEM.....	65
<i>Alanna Roxa Borsoni</i>	
MINHA PELE, MINHA IDENTIDADE.....	66
<i>Maria Luiza Souza dos Santos</i>	
TODOS TÊM HISTÓRIAS.....	67
<i>Marielly do Prado Ferraz</i>	
MINHA PELE, MINHA COR.....	68
<i>Nívia Oliveira Silva</i>	
SONHO DE LIBERDADE.....	69
<i>Filipe Francisco de Barros Mendonça</i>	
RAÍZES QUE PERDURAM.....	70
<i>Heloisy Conoring Ricarte</i>	
SE O MUNDO FOSSE COMO EU PENSO.....	71
<i>Maria Luísa Hatamoto de Oliveira</i>	
UMA HISTÓRIA SEMPRE VIVA.....	72
<i>Maryana Fernandes Borges</i>	
RESISTÊNCIA.....	73
<i>Sabrina Ipólita da Silva Robadel</i>	
MINHAS RAÍZES AINDA VIVEM.....	74
<i>Bianca Teixeira Barbosa</i>	
CADA COR TEM SEU VALOR.....	75
<i>Cleisiane Teixeira Coelho</i>	
EDUCAÇÃO ÉTNICO-CULTURAL.....	76
<i>Gesseara Dias Pereira</i>	
ERGUE-SE A VOZ.....	77
<i>Kiara Evelin Pereira Cristo</i>	
NA PELE, UM TOM.....	78
<i>Lavinia Amaral de Melo</i>	
MINHA FORÇA, MINHA ETNIA.....	79
<i>Mariana Rodrigues Gonçalves</i>	

O AR DA MEMÓRIA.....	80
<i>Sarah dos Santos Monteiro</i>	
RACISMO.....	81
<i>Yan Gabryel Gonçalves Faria</i>	
IDENTIDADE.....	82
<i>Alice de Souza Bastos</i>	
ELA É QUEM ELA É.....	83
<i>Clarice Lopes Fonseca Tuler</i>	
- NAGÔ -.....	84
<i>Daniel Rodrigues Ferreira</i>	
--- AOS NETOS DE IZAURA ---.....	85
<i>Esthevão Dias da Silva Borges</i>	
MEMÓRIAS E SILÊNCIOS.....	86
<i>Sábila de Oliveira Faria</i>	
POSFÁCIO.....	87
<i>Alineia Scopel Benfica Flávia Galdino Benício e Silva</i>	
<i>Gilda de Almeida Bastos Jamila de Almeida Rodrigues</i>	
<i>Josefy Menegucci de Souza Vargas Livia Conceição Matiello Amaral Fonseca</i>	
NOTA.....	89

APRESENTAÇÃO



A coletânea *Nossas vozes, nossas histórias: educação e relações étnico-raciais* nasce do compromisso da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Pastor Antonio Nunes de Carvalho, localizada em Alto Rio Novo/ES, com a valorização da diversidade étnico-racial. Reunindo produções dos estudantes, esta obra é fruto de um movimento de escuta, criação e reflexão que coloca em evidência o protagonismo juvenil na construção de narrativas sobre identidade, ancestralidade e educação para as relações étnico-raciais.

Organizada em duas partes – prosa e verso –, a coletânea visibiliza diferentes modos de expressão. Nas produções em prosa, percebemos o exercício da escrita como espaço de análise, registro e diálogo com temas que perpassam a vida escolar e a realidade social. Nos textos em verso, encontramos a poesia como espaço de resistência, emoção e afirmação de pertencimentos. Cada texto é uma janela aberta para compreender como os estudantes ressignificam suas experiências e percebem as relações étnico-raciais no cotidiano.

Este livro, ao reunir múltiplas vozes, mostra que a literatura produzida na escola pode ser, ao mesmo tempo, expressão artística e instrumento de conscientização. As palavras aqui reunidas apontam caminhos para pensar a educação em sua dimensão crítica e transformadora, capaz de acolher diferenças e valorizar histórias silenciadas.

Convidamos cada leitor a percorrer estas páginas com sensibilidade. Que a leitura dos textos desperte reflexões, diálogos e novas perguntas; que inspire práticas educativas mais inclusivas; e que fortaleça a reinvenção do lugar das relações étnico-raciais em nossa educação e em nossa vida coletiva.

Organizadores

Laudicéia Galdino da Silva - Diretora

Rainei Rodrigues Jadejiski - Coordenador Pedagógico

PREFÁCIO



A escola, na perspectiva de Paulo Freire (1996), apresenta-se como força motriz capaz de transformar a sociedade e, dentro dessa perspectiva, o educador ainda destaca que essa transformação somente existirá se a escola souber ler para além das palavras, isto é, ler o mundo e as realidades dos estudantes. E é nesse sentido que a obra “Nossas vozes, nossas histórias: educação e relações étnico-raciais” contribui para que essa transformação comece a acontecer, uma vez que aqueles que estão na escola são ao mesmo tempo alunos, filhos, cidadãos e muitos outros atores que compõem o corpo social.

Este é um livro que nasce da vivência, do compromisso de pensar, refletir, dialogar e aprender sobre as relações étnico-raciais, entendendo que falar de diversidade é reconhecer a riqueza das histórias, culturas e identidades que formam nossa sociedade. Ao longo destas páginas, o leitor será convidado a enxergar além das aparências, questionar desigualdades históricas e valorizar o protagonismo de pessoas e comunidades que, apesar das dificuldades, seguem transformando o mundo com resistência, criatividade e esperança.

Os vários escritores desta obra apresentam a voz da resistência que vem ecoando no Brasil há séculos. São adolescentes e jovens que expressaram por meio de poemas e textos em prosa, as indignações e, sobretudo, os motivos pelos quais precisam resistir a toda forma de preconceito racial. Além disso, há a exaltação da cultura de origem africana e indígena em seus mais variados campos – culinária, estilo e religiosidade – que tanto contribuem para a formação do povo brasileiro.

Mais do que um estudo, esta obra é um convite à empatia, à justiça e ao respeito as múltiplas diferenças como caminhos para uma convivência verdadeiramente humana e igualitária.

Referência:

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

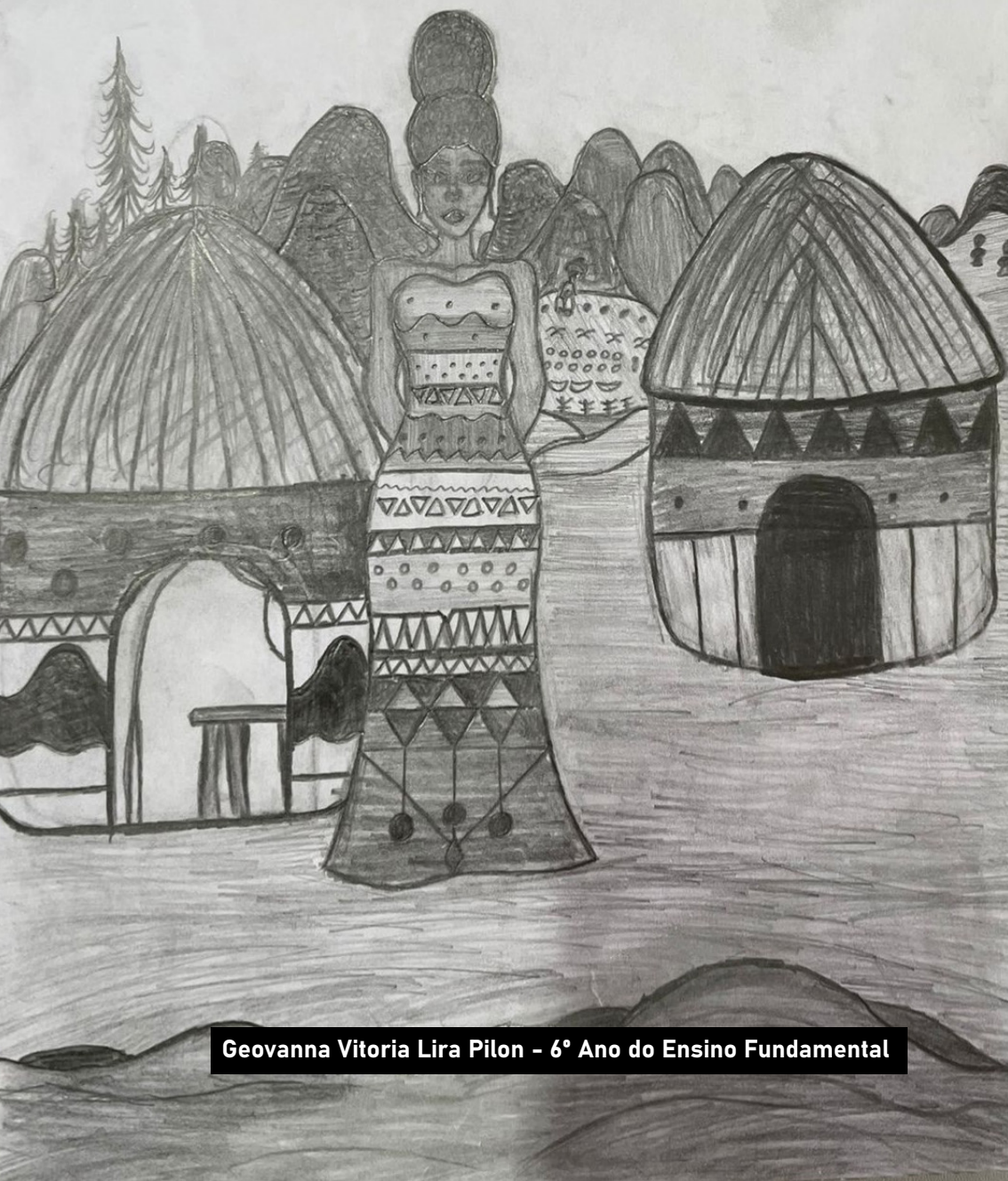
Danielle Mariane Alvarenga Pugas

Gilda de Almeida Bastos

Maria Aline de Jesus Roxa

Verônica de Mello Timoteo Almeida

Prosa



Geovanna Vitoria Lira Pilon - 6º Ano do Ensino Fundamental

A NATUREZA ANTES DOS PORTUGUESES

Eu sou uma garota indígena que nasceu nessa terra e que hoje é chamada de “Brasil”. Aqui, existiam somente os povos indígenas, a natureza, os animais e a cultura que era preservada.

Tudo era lindo, pois o ar era puro, a temperatura do ambiente era agradável. Tinham várias árvores de pé, como a araucária, a samaúma, e espécies como o pau-brasil, o jatobá, o cajá, o pinhão, o pequi, entre muitas outras. Além da nossa agricultura, que se baseava em mandioca, feijão, abóbora, batata-doce, cará e pimenta, que eram nossos principais alimentos.

Mas vieram os portugueses que começaram a poluir e a desmatar nossas matas para construírem casas para os povos deles. Nos obrigaram a trabalhar, e se nos negávamos, nos batiam até sangrar.

Nos obrigaram a cultivar alimentos que não eram da nossa origem. E nossa alimentação que era ótima, acabou virando restos. Com isso, nós acabamos ficando magros e doentes.

E nós quase desaparecemos. Mas as matas... bem, as matas não voltaram. Pelo contrário, foi chegando mais gente, e matando mais animais, e cortando mais árvores. Acho que isso nunca vai se recuperar.

Eloá de Paula Alcantara
6º Ano do Ensino Fundamental

O QUE ACONTECEU COM ELA?

Depois do trabalho, fui buscá-la na escola. Quando cheguei lá, vi que ela estava sentada num canto, completamente só.

Quando me viu, deu um forte abraço e me olhou com os olhos aguados. Não entendi nada, mas logo correspondi o abraço dela.

No caminho para casa, um silêncio avassalador afetou o carro, eu só ouvia a minha pequenina soluçando baixo, com a tristeza borbulhando em seu coração. Aquilo me destruiu por completo, eu me perguntava de todas as maneiras “o que aconteceu com ela?”. Quando chegamos, ela correu rapidamente para o quarto, eu tentei impedi-la de ir para conversarmos, mas ela não me deu ouvidos. Eu não sabia mais o que fazer, eu estava ficando preocupada...

- O que está havendo com ela?

Entrei no quarto para tentar entender o que estava acontecendo. Quando olhei para ela, vi sentada no canto da cama, suas lágrimas inocentes escorriam pelo rosto, seus olhinhos avermelhados me destruíram por dentro...sentei ao seu lado, e perguntei...

- O que aconteceu pequena? Perguntei enquanto acariciava seus lindos cabelos...

- Eles me deixam sozinha, riem de mim, tudo por conta da minha cor... por que eu sou assim, dessa cor?

Quando ouvi o que ela disse, meu mundo caiu por completo, eu a abracei, e eu repetia várias vezes...

-Não é sua culpa pequena, nada disso é...tudo vai ficar bem.

Gabriele Lima Costa

6º Ano do Ensino Fundamental

A TRISTEZA DE TER CABELOS CRESPOS

O bullying e o preconceito são situações antigas que vêm se alastrando até os dias de hoje. Até no meio artístico, vivenciamos, através dos telejornais, essas práticas, onde atores, atrizes, jogadores de futebol e outros profissionais são tratados com palavras que remetem ao preconceito e ao bullying.

Na escola, uma menina com seus cabelos crespos sofre bullying e preconceito pelos demais alunos da classe.

Na sala de aula, essa menina é chamada de “cabelo de bombril” ou até de “cabelo de vassoura”. As garotas de cabelos lisos falam: – Essa menina de cabelos crespos é até linda, mas não tem cabelos! E, no rosto da menina, as lágrimas rolam como uma cachoeira que desaba para o mar.

Chegando em casa, a menina fica se perguntando, na frente do espelho: – Por que Deus me deu esses cabelos? Ou até pensa em passar química em seus lindos fios crespos. Também fala com seus pais que não quer mais ir à escola. Seu coração já está como um papel amassado ou rasgado que, mesmo desamassado e remendado, nunca fica como era antes.

E, mesmo os pais pedindo à escola para resolver a situação, a turma continua praticando bullying e preconceito às escondidas, porque sabem que não serão penalizados.

A prática de bullying e preconceito nas escolas precisa ser banida. Sugiro uma forma de acabar com esses atos: promover uma premiação para as turmas que, durante o ano letivo, não realizarem essas ações. Serão classificados em 1º, 2º e 3º lugares e receberão títulos e prêmios para que sirvam de exemplo. Assim, as demais turmas farão de tudo para que, no ano seguinte, sejam premiadas também. Que os alunos levem isso para a vida e pratiquem a inclusão, e não a exclusão, pois os atos citados acima são crimes e devem ser punidos rigorosamente.

Concluo o meu relato levando comigo a bela experiência de que somos todos diferentes. Mas sabemos que nem todos respeitam essas

diferenças. E isso é algo que, às vezes, nos dói, mas também nos traz algo valioso: o aprendizado de sermos diferentes no meio da sociedade em que habitamos.

Maria Luiza Moreira de Freitas
6º Ano do Ensino Fundamental

A AVENTURA DE NINA NA ANGOLA

Nina é uma menina de olhos azuis e cabelo crespo. Ela nasceu na África, na região de Angola, na primeira metade do século XX. Aos cinco anos, Nina não podia entrar nas escolas que os portugueses construíram na tribo, pois ela era uma criança negra e os portugueses a achavam diferente das crianças portuguesas. Então, ela foi morar com os avós mais ao sul do país.

Quando Nina fez 11 anos, ganhou uma galinha da Angola e, juntas, Nina e a galinha, começaram a explorar a floresta do Maiombe, onde, segundo a lenda, vivia uma coruja da espécie suindara, chamada Krakatoa. Uma criatura grande e devastadora, que seu grito era semelhante a um rasgar de um tecido, e que quem ouve seu grito morrerá no dia seguinte.

Nina e a galinha entraram na floresta e, ao amanhecer, os avós de Nina ficaram preocupados e pensativos com a ausência de sua neta e da galinha, pois pensaram que Nina foi levada para outras colônias para aumentar a riqueza portuguesa com a compra mais escravos.

Enquanto Nina e sua galinha estavam na floresta, seus avós mais preocupados que antes, começaram a procurar sua neta. Durante a aventura, elas acharam uma pena no chão e, após Nina pegar essa pena, ela começou a se sentir ameaçada e observada. Viu algo grande voando pelo céu e a sensação de ser observada ficava maior... e... então... ela correu ... correu... e achou uma tribo toda devastada e esquecida sem sinal de vida humana. A garota passa direto, porém pensativa com o horror que viu naquele lugar.

Após caminhar muito, Nina encontra uma colônia alemã, lá ela percebe a ausência de sua galinha, então ganha noção que não está mais em sua tribo e fica alguns dias com aquele povo. Nesse pequeno período na colônia, ela aprende a cultura do local, ouve lendas sobre uma criatura semelhante a uma coruja.

Depois, ela anda mais um pouco e acha sua galinha. Nina anda mais e acha outras colônias. E após meses desaparecida, a garota acha um mapa e percebe que andou todo o sul da África.

Enfim, a garotinha encontra sua tribo. E quando Nina fez 20 anos começou a combater o racismo e a escravidão.

Valentim Lameira Garcia

6º Ano do Ensino Fundamental

CABELO BOM É O QUÊ?

Era aparentemente um dia normal na escola da roça. Todos estavam brincando e rindo.

Mas, havia uma criança na qual estava triste. Ficava sentada no tronco de uma árvore, completamente imóvel.

As crianças brincavam, riam e se divertiam com alegria. Só ficava aquela menininha sozinha e quietinha.

Era assim todos os dias, até que, em uma manhã chuvosa, ela ficou na sala de aula. Todos os outros foram para o recreio no pátio. Ela estava lá, sozinha na mesa, com a cabeça sobre a mesa.

De repente, entrou um menino na sala de aula e começou a mexer nos materiais de uma das meninas. Quando o recreio acabou, todos pegaram os seus materiais para fazer as atividades, mas uma menina de pele branca, com olhos verdes e cabelos loiros, se levantou e foi até a professora e disse:

— Alguém pegou a minha bolsinha, tia!

— Quem pegou a bolsinha da Anabele? — perguntou a professora.

Todos na sala ficaram quietos, até que a menina que sempre ficava no canto disse:

— Foi aquele menino — disse ela apontando o dedo para o menino ao seu lado.

— É mentira, tia — disse o menino. — Com certeza foi ela.

— Não fui eu — disse a menina, cruzando os braços.

— Eu quero saber quem foi! — disse a professora. — Se vocês dois não falarem quem pegou a bolsinha da Anabele, eu vou chamar os pais de vocês aqui.

— É verdade, tia — disse a menina branquinha, de cabelos loiros e olhos castanhos escuros. — Eu vi ele mexendo nas coisas da Anabele.

— Agora você vai negar, Luís Carlos? — perguntou a professora.

— Não, tia — respondeu ele. — Fui eu mesmo.

— Então trate de devolver a bolsinha para a Anabele — disse a professora.

Depois desse dia, muita coisa mudou na vida daquela menina quietinha. Ela era moreninha, de cabelos crespos e olhos escuros.

Depois de dois dias após o incidente com a bolsinha, Luís Carlos começou a zoar aquela menina.

— Oi, cabelo ruim — disse Luís Carlos, pegando no cabelo da menina.

— Você pode parar de me chamar assim? — pediu a menina.

— Não, cabelo ruim.

E assim foi durante duas semanas, até que um dia veio uma professora substituta.

— Bom dia! — disse a professora substituta. — Sou a tia Catarina e vou dar aula para vocês hoje.

No decorrer da aula, Luís Carlos chamou aquela menina de “cabelo ruim” e a professora Catarina disse:

— Por que você chamou ela assim? — perguntou a professora.

— Por causa do cabelo dela — respondeu Luís Carlos.

— Mas, não pode falar assim do cabelo dela e de ninguém — disse a professora.

— Por que, tia? — perguntou Luís Carlos. — É só brincadeira.

— Mas, não pode — disse a professora. — Isso é bullying. É algo que você faz ou fala em relação às características de uma pessoa de modo que pode magoar os sentimentos dela.

— Eu estava fazendo isso, tia? — perguntou Luís Carlos.

— Sim! — disse a professora. — E não pode! Várias pessoas ficam com depressão, ansiedade, medo de frequentar outros lugares; alguns até mesmo se matam. Não podemos julgar os outros pela sua aparência, mas sim pelo que a pessoa realmente é.

— Desculpa, tia — disse Luís Carlos.

— Você deve pedir desculpa para ela — disse a professora apontando para a menina no canto da sala.

— Desculpa, Maria — disse Luís Carlos para a menina.

— Está desculpado — respondeu Maria. — Só não faz isso mais comigo.

— Está bem! — respondeu ele.

Os dois se abraçaram e, depois daquele dia, entenderam que os apelidos são brincadeiras que machucam os sentimentos e decidiram não fazer mais esse tipo de brincadeira.

Clarice da Silva Guerra

9º Ano do Ensino Fundamental

A ATITUDE QUE FALTA

Era um dia comum. A semana estava começando, e havia um homem que observava o cotidiano da sua cidade, marcado por preconceito e exclusão.

Ele presenciava o sofrimento de pessoas pretas e de outras culturas, que enfrentavam a discriminação, seja no mercado de trabalho, na educação, na política ou até mesmo nas ruas.

Ele estava na fila de um banco quando presenciou uma mulher de pele negra sendo discriminada por um atendente. Os dois estavam na fila, porém um homem branco que chegou depois dela foi atendido imediatamente.

E o gerente disse:

— Por que você ignorou essa mulher?

O atendente respondeu:

— Porque ela é negra!

O gerente respondeu:

— Você não pode agir assim! Isso é preconceito!

E o rapaz entendeu que a sua atitude não era correta.

O atendente, visivelmente envergonhado e pálido, tentou se justificar, mas o gerente o interrompeu com um gesto firme.

— Eu sou o gerente. E vou garantir que essa senhora seja atendida agora, com todo o respeito que lhe é devido.

A mulher, que até então permanecia em silêncio, encarou o atendente e, depois, o homem que observava a cena. O observador se sentiu incomodado a sair da fila e se aproximar dela, mas o gerente agiu primeiro, levando-a ao caixa e garantindo o atendimento imediato.

Apesar da correção ter acontecido em meio as pessoas, o observador soube que aquele incidente era apenas uma gota no oceano de

preconceitos diários. A vergonha momentânea do atendente não apagava a dor da mulher nem a estrutura de exclusão que ele via em toda a cidade. Ele suspirou. Sabia que, embora a atitude do gerente fosse importante, a verdadeira mudança só começaria quando ele e todos os outros decidissem não mais ser apenas observadores, mas vozes ativas contra a injustiça em cada fila, em cada rua, em cada dia comum.

Danielly Vieira Valin

9º Ano do Ensino Fundamental

O CABELO, O RISO E O ABRAÇO

Na sala de aula, estavam todos os alunos ansiosos para o recreio. O sinal bateu e todos foram correndo para a fila da cantina. Grupos de amigos estavam rindo do cabelo de Maria, na fila da merenda. Ela percebeu e logo seu rosto ficou triste e sua postura ainda mais entristecida.

Desistiu da merenda e voltou para a sala de aula. Sentou-se bem no cantinho da sala e começou a chorar. Uma professora observava tudo. Foi até a sala de Maria e viu que ela estava triste.

Aproximou-se devagar e, com carinho, a professora disse que queria ajudá-la. Maria sabia que poderia confiar na professora. Ana falou que, independentemente do nosso cabelo, todos devem ter respeito e empatia uns pelos outros.

Depois de uma longa conversa, Maria percebeu que, mesmo que existam pessoas que querem ver a gente triste, existem pessoas que querem nosso bem e estão dispostas a ajudar.

Maísa Oliveira dos Santos

9º Ano do Ensino Fundamental

VOZES EM SILÊNCIO

Era uma manhã qualquer. Ao tocar o sinal da escola, os alunos entraram rapidamente para a sala de aula.

O Dia da Consciência Negra estava se aproximando e, com isso, as atividades e dinâmicas com o intuito de conscientizar sobre a importância de saber que a cor da pele ou o tipo de cabelo não definem pessoas como superiores ou inferiores. Assim, a professora deu início às ações.

A dinâmica proporcionada neste dia consistia em uma roda de conversa. Nesse bate-papo, o objetivo era fazer com que os alunos “desabafassem” e contassem suas experiências pessoais ou situações que tivessem presenciado.

Ao conversar com os alunos, a professora Ana percebeu que a aluna Clarisse era uma menina inquieta e incomodada. Clarisse era linda, de pele escura e cabelo encaracolado.

Ana se dirigiu até Clarisse e perguntou se ela queria dizer alguma coisa sobre o assunto. Clarisse, envergonhada, mas sentindo a necessidade de falar, disse:

— Nós, negros, somos desvalorizados e vítimas de preconceito simplesmente pela nossa cor, cabelo ou cultura.

A turma ficou reflexiva em silêncio. Com a fala de Clarisse e dos demais alunos, todos perceberam o quão doloroso é ser julgado ao invés de valorizado, por carregarem dor e sofrimento ao invés de orgulho e luta.

Sara Martins de Souza

9º Ano do Ensino Fundamental

O SILÊNCIO PERPETUA O PRECONCEITO

Desde cedo percebi que o silêncio faz com que o preconceito racial se perpetue.

Eu tinha seis anos de idade, estudava em uma escolinha em um distrito da minha cidade quando aconteceu um fato que em mim despertou profunda tristeza. Chegou uma menina negra que foi matriculada na escola e começou sofrer racismo por parte de um menino que falava mal de seus cabelos, de sua cor e algumas vezes dizia que era suja por conta do seu tom de pele.

Eu briguei com ele, mesmo não tendo representatividade e, nem sabendo, naquela época, o que era lugar de fala. Diante disso, meus colegas viram, muitos viram, mas se calaram e ninguém procurou resolver essa situação.

Uma década se passou e não percebi mudança alguma. O silêncio ainda ecoa atitudes preconceituosas que, muitas vezes, aparentam ser invisíveis, ou são, de fato, invisibilizadas para não serem solucionadas.

Lara Durães Vieira
1ª Série do Ensino Médio

CADA UM OFERECE O QUE TEM

Assim que completei seis anos, mudei de cidade e quando comecei cursar o 2º ano do ensino fundamental, eu tinha por volta de sete ou oito anos.

Não bastasse todas as novidades que precisava me adaptar, deparei-me com um menino que praticava preconceito por conta da minha cor de pele, meu sobrenome e meu jeito.

Em um dia, no recreio, esse garoto estava me chamando de preta feia, palito de dente sujo, entre outras coisas. Diante disso, eu comecei ficar estressada com a situação e, quando eu me estresso, minha visão começa escurecer. O que vi na sequência, foi, de fato, a escuridão. Eu tropecei em um ressalto e machuquei meu joelho. Fiquei assustada com tanto sangue, VERMELHO, como o que corre nas veias de qualquer outra pessoa: branca, preta, amarela, indígena...

Após isso, lembro-me da minha prima me levando para a coordenação. Quando chegamos lá, começaram a brigar conosco, falando para tomarmos mais cuidado e prestar mais atenção aonde íamos. Eu me recordo de ter ficado triste, pois minha prima só queria me ajudar.

Até a atualidade eu tenho as cicatrizes, mas as marcas são apenas nos joelhos e não doem mais, pois hoje sei que sou superior a todos aqueles comentários. Sei, também, que toda aquela hostilidade só dizia respeito a ele, pois cada um oferece o que tem.

Maria Eduarda de Freitas Feu
1ª Série do Ensino Médio

O BRILHO É PARA TODOS

Era janeiro de 2023 quando saiu uma notícia que, até hoje, chama a minha atenção. Ela relatava uma situação muito triste no mundo do esporte: um boneco negro, representando o atleta brasileiro Vinicius Júnior, foi enforcado e pendurado em uma ponte de Madrid, acompanhado da frase: *“Madrid odia al Real”*.

A imagem, brutal e desumana, atravessou a minha alma. E uma pergunta ecoava na minha mente, inquieta:

— Quando isso vai parar?

Lendo aquilo, só conseguia me lembrar das tantas vezes em que a cor da pele foi mais importante do que o talento com a bola nos pés. Pensei em Pelé, que após sua chegada ao Santos, em sua adolescência, foi apelidado de “gasolina” pelos companheiros de time, por conta da cor da substância que dá origem ao combustível, o petróleo, fazendo-o pensar que assim seria conhecido no mundo do futebol. Embora tenha sido uma situação dolorosa, senti orgulho, pois ele não se deixou abalar. Transformou a dor em força e se tornou símbolo de ascensão social para tantos jovens negros.

Depois de ler a notícia sobre Vinicius, a mesma pergunta não saía da minha cabeça:

— Quando isso vai parar?

Não conseguia entender por que alguém seria tratado dessa forma apenas por causa da cor da pele. Estamos falando de um jogador de alto nível e de muitos outros atletas negros que só querem praticar esse esporte que, teoricamente, nos une.

Infelizmente, essa não foi a primeira vez que Vinicius sofreu ofensas e ameaças racistas por parte da torcida. Dois anos antes, após ser alvo de injúrias, ele tatuou em seu corpo uma frase marcante do cantor Bob Marley: “Enquanto a cor da pele for mais importante que o brilho dos olhos, haverá guerra”.

Essa frase, tão forte e verdadeira, virou símbolo da luta contra o racismo. E, mesmo não sendo eu a pessoa diretamente atacada, entendo a dor de Vinicius. Por isso, continuarei apoiando, sempre, o gesto do punho cerrado.

Sempre contra a segregação racial!

Jorge Daniel da Silveira Souza

2ª Série do Ensino Médio

OS INVISIBILIZADOS

O racismo e a tentativa de combatê-lo sempre andaram de mãos dadas, mas pena é que ainda vivemos em um faz de conta de igualdade, quando a realidade continua marcada pela exclusão e pela dor. Tudo sempre nos lembra as feridas do passado, cicatrizes que nunca foram, de fato, fechadas pelo tempo. Ainda assim, insisto em dizer que o tempo, por si só, não apaga nada, nem o que foi imposto, resistido. Somos humanos, erramos, aprendemos, mas a sociedade insiste em repetir o mesmo *look* vicioso: nascemos, crescemos em meio ao preconceito. Colapsamos diante dele e seguimos vivendo em um sistema que oprime. E no fim, muitos que lutaram não são lembrados porque a estrutura insiste em manter viva a memória do opressor, enquanto quem sofreu continua na invisibilidade.

A inspiração acima deu-se quando mergulhei na dor de alguém que se tornou invisibilizado nas suas dores e sofrimentos. Tomar as dores de alguém e tentar desmascarar o sistema.

Agatha de Souza Bastos
3ª Série do Ensino Médio

SOBRE CAFÉ, CORES E DESIGUALDADE

É normal não se sentir à vontade nos lugares? Eu estava numa feira agrícola em São Gabriel. Era um dia quente, ensolarado e estranhamente agradável até eu começar a reparar demais. Havia pessoas de todos os lugares, porém não de todas as cores.

Notei muitas pessoas alegres e sorridentes com suas roupas caras, experimentando os diversos tipos de café, o que não era estranho, até eu reparar que praticamente todas as pessoas presentes eram brancas, exceto eu, poucos estudantes e trabalhadores. Não faz sentido um lugar tão vasto em culturas não presenciar pessoas de diversas raças, mas sim apenas privilegiados de pele branca que compram carros tão naturalmente como se fossem pipoca.

Nesse dia, pude perceber o quanto a desigualdade social está ligada ao racismo estrutural, gerando tantas oportunidades para pessoas que já possuem e excluindo outras que, na maioria das vezes, não tem um terço, como se os níveis de acessibilidade da vida fossem mais fáceis de acordo que o tom de pele fique mais claro. Isso não fazendo jus às famosas frases “Todos temos os mesmos direitos” e “Somos todos iguais” que tanto é propagada por aqueles que tanto possuem.

Jamilli Oliveira dos Santos
3ª Série do Ensino Médio

Verso



TEMPO DA ESCRAVIDÃO

Negro na sua terra cantarolava
sem parar, mas a alegria um dia acabou.
Os povos viram um navio negreiro,
as lágrimas caíam de seus olhos,
se despediram de suas terras e de seus orixás.

Dentro do navio negreiro uma canção sem fim.
Chegando ao Brasil, os negros
eram tratados como animais, judiados e humilhados,
apanhavam se não trabalhassem.

Mas um dia isso acabou.
Um dia apareceu um homem corajoso
que queria sua liberdade.
Zumbi dos Palmares passou anos
lutando pela sua liberdade e de seu povo
lutou tanto que conseguiu,
e hoje seu povo é livre e
nunca mais será escravizado.

Antonio Augusto Leal Degasperi
6º Ano do Ensino Fundamental

DIGA NÃO AO RACISMO!

Precisamos ter empatia
e entender que ninguém é melhor que ninguém,
todos devem ser tratados com respeito, independente da cor.

São várias culturas, religiões,
costumes, danças e misturas
que merecem ser respeitadas.
Precisamos conhecer a cultura
ou religião antes de julgar.

O respeito é importante para convivência entre as pessoas,
sempre respeitando um ao outro mesmo com diferenças.

Celena Menegucci Pires Vargas
6º Ano do Ensino Fundamental

VALEU A PENA LUTAR

Somos uma pequena família,
de treze integrantes, minha mãe,
recém viúva, meus onze irmãos e eu,
seis anos apenas mais velho.
Morávamos em um barracão no
meio da caatinga.

Descobri o que é preconceito racial
na escola, foi horrível.

Cheguei em casa quase chorando,
quando fechei a porta e olhei para
mamãe, desabei em lágrimas.
Sentei em seu colo e
murmurava o que aconteceu.

Atualmente tenho vinte e três anos
ainda choro sozinho...
Possuo meu casarão e renda fixa.

Mesmo não tendo superado,
não deixei de processá-los,
pois vivo em um país
que respeita os direitos humanos!

Dimas Francisco Mafort de Oliveira
6º Ano do Ensino Fundamental

UMA HISTÓRIA REAL

Em uma escola do interior
apenas um estudante era negro,
tinha dificuldade em aprender.

O racismo ali acontecia.
o aluno andava triste,
era raro um dia sorri
pois muita tristeza havia ali.

Conversei para ele desabafar,
para um pouquinho
da sua história contar.

Meu amigo se tornou.
um menino forte e agradecido
pelos desabafos ouvidos.

Essa história não pode ter replay.

Esther Moreira Medeiros
6º Ano do Ensino Fundamental

TINHA QUE SER PRETO

Tinha que ser preto pra ser vigiado,
Ser julgado de errado, mesmo estando calado.
Tinha que ser preto pra ouvir zombaria,
E ter que enfrentar preconceito todo dia.

Tinha que ser preto pra ser questionado,
Ser parado na rua sem ter feito pecado.
Tinha que ser preto pra lutar sem parar,
Pra ter o direito que todos deviam ganhar.

Mas não é justo, não pode ser assim,
A cor da pele não define o que há em mim.
Respeito e justiça é o que o mundo precisa,
Chega de ódio, chega de injustiça!

Francielli dos Santos Salazar
6º Ano do Ensino Fundamental

MINHA CONQUISTA

O racismo não é brincadeira
traz muita tristeza verdadeira.
Choros, depressão e solidão
Isso faz mal para o coração.

Quando nasci, eu não sabia
Como era o mundo, e depois
Que eu cresci, o mundo descobri.

Meu mundo desmoronou
Quando descobri de que raça sou.
Mistura, cultura e religião quando
Vi a escravidão.

Por que teve que ser assim?
Isso deixa uma tristeza
Sem fim.

Eu consigo mudar o mundo, se eu
deixar minha tristeza lá no fundo.

Não vou mudar quem sou
porque minha conquista é que me mudou
e o meu coração me guiou.

Geovanna Vitoria Lira Pilon
6º Ano do Ensino Fundamental

AFRICANOS

Não são pessoas esquecidas,
são vidas, com sorrisos e dores,
com esperança e cores.

Carregam uma história no coração
de sofrimento e solidão,
que traz muita dor para mim,
num aperto sem fim.

Africanos não são só passado,
são presente, são agrado.
Homens e mulheres que resistem,
e com coragem sempre insistem.

São espelho da humanidade,
guardam em si a verdade,
desse mundo cheio de desigualdade.

Heloisa Maria Amaral de Sousa Jandre
6º Ano do Ensino Fundamental

NAS CORES DO RESPEITO

Todos temos nossas diferenças,
cor de pele, tipo de cabelo, religião.
Mas, para que tantas desavenças,
se todos temos o mesmo coração.

Na busca pela igualdade,
lutamos e trabalhamos
para termos dignidade
nessa nação que tanto amamos.

Mas por que sofremos,
se todos somos iguais.
Traços do nosso passado trouxemos
e a nossa dor já foi demais.

Cicatrizes abertas nos tornam mais fortes,
na certeza de que há esperança.
Em uma sociedade que oferece amor e suporte
onde todos tem voz e confiança.

Onde todo sonho pode brilhar
com as memórias, ganhamos confiança.
Em uma sociedade que aprende a amar
cada cor, cada jeito, cada dança.

Isabele Eler Pavão

6º Ano do Ensino Fundamental

SABE QUE A ESCRAVIDÃO MARCA MINHA HISTÓRIA

Sabe que a escravidão marca meu povo desde do século XV
Somos discriminados, maltratados e escravizados
Só por causa da nossa cultura, costumes e cor.

Sabe que a escravidão marca meu povo
Chicotadas dos meus antepassados
Ainda doem em mim, sangue e sofrimento
Estão na minha memória, mesmo sem ter passado.

Sabe que a escravidão marca meu povo
Aquele cativo tem momentos horríveis,
Não tínhamos proteína, éramos fracos,
Mas nos forçavam a trabalhar incansavelmente.

Sabe que a escravidão marca meu povo,
Nossas culturas ainda se fortalecem
Mesmo sem ninguém perceber.

Sabe que a escravidão marca meu povo
Nossa religião é considerada macumba.
Umbanda, quimbanda e candomblé
São nossas religiões, são nossa fé.

Sabe que a escravidão marca meu povo
O racismo ainda existe, e isso é uma questão bem triste.
Tudo acabou sendo esquecido ao longo da história
Sei que o racismo continua até hoje, mas pela liberdade,
Eu nado no fogo para salvar meu povo.

Kethely Sophia de Sousa Verly
6º Ano do Ensino Fundamental

RACISMO NÃO

Todo mundo é igual
Não importa a cor,
Não se deve machucar,
Não se deve ferir o amor.

Vamos todos juntos,
Aprender a respeitar
Com amizade e carinho,
Podemos o mundo mudar.

Lauan Rocha Rodrigues Salazar
6º Ano do Ensino Fundamental

CAROL

Carol, menina de luz,
Cabelo crespo, pele reluz.
Brincava feliz com seu cão,
Quando ouviu ofensa e agressão.

A mãe chegou, abraçou,
“Isso é racismo, não é normal”.
Conversou, e o menino se desculpou,
Carol seguiu forte e feliz.

Depois de muito tempo
Ela se reencontrou
O menino que tinha feito racismo.
E ele continuou com o racismo.

Ela falou que não era legal
Mas ele continuou
Ela chamou a polícia
E ele teve que fazer serviço comunitário.

Ela ficou feliz de saber que o menino
não ia fazer mais racismo com ela.

Maria Eduarda de Oliveira Silva
6º Ano do Ensino Fundamental

DESTRUIÇÃO NO BRASIL: ESCRavidÃO

Desde o século XV,
o Brasil tem sofrido
com escravidão, discriminação.
Suas riquezas foram roubadas,
suas terras foram usadas.
Os indígenas sofreram muito,
eles viviam alegremente,
perderam seus bens que conseguiram.
Desde então, o Brasil mudou.

Os africanos foram obrigados a vir para o Brasil,
eles viviam em sua terra, chamada África.
Eles foram escravizados, não tinham seus direitos.
Para os brancos, os negros eram diferentes,
somente pela sua cor, sua cultura, seus costumes.

Brasil não é lugar de discriminação.
O Brasil precisa de união.
Religiões, costumes, convivência, cultura, etnia, cor...
Tudo precisa ser respeitado, o respeito deve existir.
A escravidão veio para acabar com o Brasil,
Mas ainda há certeza que isso vai acabar.

O Brasil era feliz, a invasão o destruiu,
As comidas dos escravos só eram de si,
Farinha, feijão, gordura suína.
Um ser humano não é capaz de comer isso,
Uma pessoa é digna de alimento, proteína.
Mas no mundo existe isso, sobre a dignidade,
Nem todas têm esse direito, o mundo tem que mudar...

Sofia Ketllyn Messias Gonçalves
6º Ano do Ensino Fundamental

A ESCRAVIDÃO DOS POVOS

Os negros estavam em casa sossegados
no canto deles.

Os brancos foram lá na África
pegaram os negros.

Os brancos os capturaram
E os levaram com eles.

Foram para Brasil
viraram escravos.

Trabalharam, trabalharam e trabalharam.

A rainha Isabel libertou os escravos,
eles ficaram sem moradia, sem comida, sem destino.

Foram anos e anos
com muita luta, fé e amizade.

Eles conquistaram trabalho, casa, paz e comida.

Virgílio Pereira Honorato de Lima

6º Ano do Ensino Fundamental

A COR DA HISTÓRIA

A voz que chama o cabelo crespo de “bombril”
Ecoa em nosso Brasil

O dedo que aponta para o cidadão preto,
é o mesmo que aponta para o preconceito

A história que vivemos no passado
não pode ser deixada de lado
Nossos filhos sofrerão
Se não partir da gente uma resignificação

O racismo na sociedade pode ser sutil
afeta o psicológico, de forma sem igual.
Como assim a maioria da população da Brasil,
sofre com discriminação racial?

Uma pessoa num corpo preto
sente, pensa, vive.
Mas sente na consciência,
de que uma hora ou outra, sofrerá uma ofensa

Insultos camuflados de brincadeiras
não podem ser negligenciados.
Cada experiência vivida merece atenção
e cada uma delas é uma oportunidade para aprender a lição
Sou filha de uma mulher branca
e meu maior convívio familiar na infância
foi com essa parte da família,
e ela me ensinou, que ninguém se humilha.

Alice Clem Silva Balbino
7º Ano do Ensino Fundamental

ORGULHO QUE ECOA

A vida não é filme, mas o racismo parece um de terror.
Mas, independente, lutarei até o fim.
Minha origem, meu maior orgulho.
Minha pele é minha coroa.
Sou forte como o tambor que ressoa.

Minha voz ecoa pela cidade.
Ser quem sou não é defeito.
É história, amor e respeito.
Ninguém é melhor que o outro pela cor que tem.
O verdadeiro valor é ser humano também.

Na cor da pele há muitas memórias,
caminhos escritos por nossa história.
Raízes fortes, chão sagrado,
o orgulho vive e nunca será apagado.

Sou filha da tradição,
força que acelera o coração.
O respeito faz a união.

Amanda Azevedo Cabral
7º Ano do Ensino Fundamental

A VOZ QUE ECOA

O racismo é uma sombra que insiste em ficar,
Um silêncio cruel que tenta calar.
Fere a pele, mas também o coração,
Destroi sonhos, espalha solidão.

É olhar torto, palavra dura,
É preconceito que ainda perdura.
Não nasce no peito de quem é criança,
Mas é plantado e cresce na falta de esperança.

O racismo não é só ofensa direta,
É porta fechada, é escolha secreta.
É o currículo que não é chamado,
É o talento que fica de lado.

É a história roubada, escondida, negada,
É a cultura apagada, memória silenciada.
Mas contra a injustiça ergue-se a voz,
Um grito de muitos, um grito de nós.

Somos iguais na cor da essência,
Na chama da vida, na mesma existência.
Ninguém é maior pela cor que carrega,
A pele não mede o amor que se entrega.

O racismo precisa ser combatido,
Com diálogo, coragem, e amor decidido.
Que cada ato seja resistência,
Que cada gesto ensine consciência.

Um mundo sem ódio é o que merecemos,
Na diversidade é que nos reconhecemos.
Não há raça, apenas humanidade,
E juntos podemos plantar igualdade.

Emanuel Miguel Melo da Silva
7º Ano do Ensino Fundamental

A EDUCAÇÃO É O CAMINHO

Educação é a ponte, que une culturas
Buscando sempre a total realidade
Abrindo espaços, para a igualdade

Raízes profundas, histórias se cruzam
Saberes ancestrais, no presente se anunciam
Diálogo é a chave, para romper barreiras
Construindo pontes, entre saberes e emoção.

Olhares diversos, enriquecem a jornada
Cada cor, cada voz, é uma história contada
Cada peça é essencial, pois só eu conheço meu passado
Caminhando com respeito, eu vou dando o meu recado

Preconceitos cegam, uns fingem não enxergar
Educação ilumina, caminhos novos quero desbravar
Despertar consciências, é semear mudanças
A luz que devemos explorar.

Cada cultura tem sua própria essência
Valorize e aceite as diferenças
Ao olhar tente admirar!
Pois feliz alguém ficará.

Cores da pele, texturas da alma
Cada ser é único, em sua própria calma
Respeito é o fio, que tece a harmonia
Conectando diferenças, em doce sinfonia

Histórias silenciadas, vozes que se levantam
Memórias resgatadas, narrativas que encantam
Educação é escuta, é abraço e acolher
Reconhecendo passados, para um futuro rescrever.

No Brasil mestiço, encontros se celebram
Culturas se misturam, novas identidades geram
Capoeira dança, samba contagia o ar
Riqueza de quem sabe aproveitar.

Racismo é ferida, dor, lágrimas
Consciência é o passo, para poder transformar
Mudar olhares, é mudar o coração
Buscando sempre empatia, aprimorando a compaixão.

Diálogo é encontro, troca com sabedoria
Aprender com o outro, é expandir a visão
E alegrar o coração,
Culturas se abraçam, sem perder a essência
Juntos construímos, um mundo com consciência.

Esthéfany do Couto Pacheco
7º Ano do Ensino Fundamental

RESISTÊNCIA

Pessoas que vêm
De algum lugar,
Tentando nos aprisionar
Com itens que não se
vê em outro lugar

E nos colocaram para
trabalhar como troca
Itens mágicos
Íamos ganhar

E quando nos recusamos
a trabalhar coisas barulhentas
Começaram a matar

E quando nos recusamos
a nos curvar, as correntes
da opressão, queriam
nos domar

Eles nos veem como
ameaça como um
perigo a controlar
E usam a violência
para nos calar, para
nos fazer aceitar

Gabriel Vilela Bueno
7º Ano do Ensino Fundamental

RACISMO? TÔ FORA!

Viver no Brasil é muito legal,
é um país com muita diversidade.
Muitas cores, alegria, uma mistura perfeita,
Mas aqui nem tudo é natural...

O racismo e o preconceito aqui “come solto”!
É gente chamando os outros de “preto”,
É gente chamando os outros de “carvão”.
E assim, usam e abusam da discriminação.

Nós, brasileiros com orgulho de nossas tradições,
precisamos “botar moral na parada” contra isso.
Ninguém é negro por que quer, todos somos iguais!

Pretos, brancos, amarelos...
todos são humanos e os “manos”.
Juntos seguimos com os mesmos direitos humanos!

Guilherme Xavier Guimarães
7º Ano do Ensino Fundamental

VOZ DA TERRA

Eu sempre escuto o som dos tambores
Chamando o nome do meu povo
O vento sopra forte no meu cabelo
E parece cantar histórias antigas

Meu corpo parece dançar leve na areia
Meus pés sentem o chão quente
Eu sou parte dessa terra viva
Que pulsa junto ao meu coração

Minha pele é cor de terra molhada
Meu cabelo é raiz que se ergue
Eu não tenho vergonha de mim
Sou linda do jeito que sou

Meu povo foi ferido no passado
Mas nunca deixou de sonhar
Mesmo com lágrimas na chuva
A esperança continua crescendo

Não quero guerra, quero respeito
Quero que escutem minha canção
Que vejam nossa cultura viva
E sintam orgulho comigo

Isabelly Vitoria Nunes de Lima
7º Ano do Ensino Fundamental

TODOS NÓS SOMOS IGUAIS

Nasces sobrevives
cresces observas
sou como tu.

Optas decides
Queres trabalhas
Sou como tu.

Amas sofres
Vives acreditar
Sou como tu

Somos diferentes
Somos iguais
Somos negros
Somos pardos
Somos indígenas
Somos brancos
Somos seres humanos

Juliano Vitaro Mateus Costa
7º Ano do Ensino Fundamental

A LUTA NÃO PARA!

A história foi sofrida
quando para senhor bate
quando cansa senhor chuta
isso é e sempre foi a nossa luta

explorados, desrespeitados e mal tratados
era dor, era sofrimento
trabalho duro por séculos
sem ter reação eram capturados

corpo cansado e sujo de poeira
as mulheres sempre destratadas
não tinham opção!
então apresentaram a capoeira

a cultura muito amada
instrumentos famosos
músicas de força
e foi inventada a famosa feijoada

o racismo está no lar, na rua
crianças sendo rebaixadas
sem direitos na vida
mas a guerra contra o preconceito continua.

Pietro Monteiro Basílio
7º Ano do Ensino Fundamental

SOMOS IGUAIS

A cor da pele não diz nada sobre nós
Nem o que a pessoa pode conquistar
Todos merecem respeito
Ninguém deveria sofrer por conta da pele.

O racismo machuca demais,
Deixa feridas e destruição
Mais quando a gente se junta
Podemos combater o preconceito e etc.

Ética e tratar bem o outro
E pensar sempre em igualdade
Ninguém é melhor por ser branco
E nem pior por ser de outra raça e etnia.

Na escola, trabalho e na vida
Em todo lugar devemos respeitar
Todas as pessoas tem seu jeito
Sua cultura é nada e igual.

Todos podem ter uma religião diferente
E devemos respeitar todas
Católica, assembleia, umbanda, quimbanda, evangélica e outras.
Devemos respeitar todas.

Thais Freitas da Costa

7º Ano do Ensino Fundamental

NOSSO BELO E DECADENTE MUNDO

Oh nosso mundo
Oh nosso mundo
Com tanta desigualdade, porém tão belo
Essa beleza escondida pelo racismo.

Onde a liberdade é retirada por motivos banais?
Oh nosso sujo mundo
O preconceito enraizado no nosso belo mundo
É a luta que persiste.

Oh nosso mundo
Por que esse ódio
A riqueza tão resplandecente
Cada pessoa diferente

Em cada continente
Uma cultura aparece
Com tantas raças diferentes
Um desrespeito é eminente

Oh nosso mundo
Oh nosso mundo
O respeito é algo necessário
Em um mundo com a beleza
Tão decadente

Oh nosso estranho mundo
Com tantas pessoas diferentes
Com similaridade total
Todos somos humanos
Isso não só basta.

Daniel Sailer dos Santos

8º Ano do Ensino Fundamental

SAUDADE DA MINHA NAÇÃO

Sinto falta da minha nação
Onde éramos respeitados,
Aceitados e igualados.

Onde minha cultura era
Respeitada, ou até mesmo
Idolatrada.

O meu povo que antes
Viviam felizes
Hoje somos tratados como
Infelizes.

Para eles simples tradições
Para nós, proteções.
O que para eles são besteiras
Para nossos povos são barreiras
São histórias.

Os povos originários que antes
Viviam em paz em suas tribos
Hoje vivemos com medo.
De perdermos tudo outra vez
E não conseguirmos recuperar dessa vez.

Isabelle Teixeira Barbosa
8º Ano do Ensino Fundamental

A VOZ QUE MUITOS NÃO ESCUTAM

A voz que dentro de mim vive
Ecoa como alguém que quer livre
Muitas vezes triste, mas sempre resiste

A voz que muitos não escutam
Quase a mesma que insultam
Será que poderá ser ouvida?
Uma coisa dessa jamais ninguém responderia.

Lavinea Eulalia Silvero/ Bueno da Silva
8º Ano do Ensino Fundamental

PRECONCEITO

Antigamente
Negros só “mentiam”
Negros só “roubavam”
Negros não “prestavam”

Uma profunda mentira
Marcada pelo preconceito
Que por algum motivo
Os brancos eram “perfeitos”

Os negros eram bons
Mas nem todos acreditavam
Quando eram corajosos
Todos se impressionavam

Os tempos mudaram
Todos nós somos iguais,
Mas os preconceitos continuaram
Parece que cada vez mais

Todos nós caminhamos
Para um futuro sem maldade
Tenho fé que conseguiremos
Um mundo apenas de bondade.

Yuri da Cruz Martins

8º Ano do Ensino Fundamental

A HERANÇA DA CORAGEM

Um ser adorável,
Que ninguém compreende.
Um sentimento inexplicável,
Algo que não se entende.

Excluído e sozinho,
Por ter uma cor diferente.
Não sabia o seu caminho,
Mas tinha que seguir em frente.

Cresceu e conheceu sua história,
Aceitou sua ancestralidade.
Entendeu de onde veio;
Agora vive com liberdade.

Raiz, força e esperança;
Respeito, dignidade e amor.
Que um dia reine a confiança
De gerações caladas na dor.

Que hoje e sempre prevaleça o respeito.
Vivamos com integridade.
Nada de preconceito, mas
Sempre com dignidade.

Alanna Roxa Borsoni

9º Ano do Ensino Fundamental

MINHA PELE, MINHA IDENTIDADE

Todas as pessoas são diferentes, sim!
Pele negra não é uma anormalidade.
É uma pele diferente, é uma identidade!
Pele branca, pele negra... qual é a diferença,
se somos seres humanos, cada um com sua beleza?

Uma terra de riqueza...
Para quê preconceito, se cada um sabe seu conceito?
Chamado de “ovelha negra”, como se os brancos não fizessem nada
de errado.
Desde quando o racismo é apoiado?
Os brancos também agem errado!

Não tem essa de preconceito!
Somos seres humanos do mesmo jeito.
A cor de cada um é uma identidade.
Não entendo para que tanta maldade...
O mundo precisa de mais igualdade.

Maria Luiza Souza dos Santos
9º Ano do Ensino Fundamental

TODOS TÊM HISTÓRIAS

Ao ver um anjo branco, todos pensamos: “é um anjo bom”!
Mas, ao ver um anjo preto, sentimos muito medo.
Por que a ovelha negra da família é considerada rebelde?
As brancas também não podem ser rebeldes?

Por que quase não vemos garotas indígenas com o rosto pintado?
Se víssemos uma na rua, pensaríamos: “está no lugar errado!”.
Mas a verdade é: africanos também moram em grandes cidades.
Por que, ao pensarmos em negros, imaginamos fome ou pobreza,
mas nunca diversidade e beleza?
Por que, ao pensarmos em negros, imaginamos sujeira,
mas nunca luta e resistência?

O Brasil, mesmo sendo feito de miscigenação, ainda tem preconceito!
Qual é o problema de aceitar suas raízes?
Pessoas negras não são pobres.
Indígenas não são burras.
São pessoas como nós,
com sua cultura, origem e persistência.

Marielly do Prado Ferraz
9º Ano do Ensino Fundamental

MINHA PELE, MINHA COR

Peles que carregam histórias,
Raízes, heranças, memórias de luta.
Guardam a dor de perder vidas
por conta da escravidão, mas
também a resistência e força
correndo em seus sangues.

Mesmo assim, a luta não terminou:
A escravidão ainda reina.

Vozes ainda ecoam em nosso país:
Quatro séculos de sombras.
Fazendas marcadas por gritos e gemidos
de um povo inocente.
Dizem que o racismo em nossas terras
ficou no passado.
Mas, então, por que está tão presente?

Nívia Oliveira Silva
9º Ano do Ensino Fundamental

SONHO DE LIBERDADE

Sou forasteiro aqui.
Fui tirado de minha terra,
meu sustento, meu lar.
Trazido a esse lugar
à força!
Colocaram-me em uma embarcação
Mas não pude fazer nada.

Vi meus colegas morrerem.
Os gritos, o barulho das chicotadas,
tudo isso me assombra.
O sonho da liberdade,
cada dia ia se apagando
Deixando um enorme vazio em meu peito.

Já não sabíamos mais como era viver,
olhando para as minhas cicatrizes
me lembrando de toda a dor.
Alguns tentaram se rebelar,
mas acabaram tendo as suas vidas tiradas.

Em meio a esse triste cenário,
um dia libertaram meu povo.
Onde estava tão escuro,
começou surgir uma luz.
Depois de tanto sofrimento,
tantas perdas e tormentos,
voltamos a viver...

Filipe Francisco de Barros Mendonça
1ª Série do Ensino Médio

RAÍZES QUE PERDURAM

Carolina Maria de Jesus,
mulher preta,
que em seu “quarto de despejo”
relata a sua vida difícil,
o sofrer e a exclusão.
Não vivi a sua vida,
mas ao te ler,
sinto uma dor no coração.

O Zumbi, o rei, o forte, o líder
ajudou seu povo a ser liberto,
trouxe em sua pele as marcas
de uma vida dura, complexa e sofrida,
mas ao morrer,
deixou um legado de luta e poder.

Princesa Isabel,
o que falar de você?
Mulher guerreira e decidida,
que pelo povo, lutou pela liberdade.
Quiseram lhe fazer uma estátua,
mas não pôde aceitar tamanha bondade.
Assinou a Lei Áurea,
colocando um ponto final no sofrimento,
e assim,
trouxe ao povo acalento.

Heloisy Conoring Ricarte
1ª Série do Ensino Médio

SE O MUNDO FOSSE COMO EU PENSO...

Até no amor existe desigualdade racial,
mas para viver o amor não deveria importar a cor.
Não importa se sua cor é preta, branca, parda ou amarela,
você deve ser amado pelo que você é,
não por aparência, cor, ou outra condição.
As pessoas têm que entender que todos devem ser respeitados de
forma igual,
Independente de sua diferença racial.
Para mim, isso é fácil de entender,
mas muitos complicam algo que tenho o prazer de fazer,
não fazer por fazer,
mas porque amo todos
independente da sua cor de pele,
pois no Reino dos céus não se entra por classificação de cor.
Devemos nos unir e nos amar,
e não odiar uns aos outros.
Se o mundo fosse como eu penso,
não existia racismo, discriminação ou violência.
Eu me seguro para não gritar,
gritar de raiva por saber que ainda existe pessoas preconceituosas
no mundo,
mas Deus vê os puros e humildes de alma,
os que tem o coração bom, que praticam bondade e mantem suas
vidas calmas.
Que no mundo tenha mais pessoas assim,
para que a paz reine
e que tais atitudes não sejam o fim.

Maria Luísa Hatamoto de Oliveira
1ª Série do Ensino Médio

UMA HISTÓRIA SEMPRE VIVA

Chegaram em 1500 para essas terras colonizar,
já encontraram um povo aqui
e tentaram os catequizar,
desconsiderando a sua cultura
para a deles concretizar.

Línguas nativas se perderam
e o povo ficou sem chão,
invadiram seu território
e os deixaram sem demarcação.

Deixando seu legado e tradições:
a mandioca, o açaí e o cupuaçu
eram suas refeições.
Lutaram, persistiram e resistiram.
Uma história sempre viva
Persistirá em seus corações.

Maryana Fernandes Borges
1ª Série do Ensino Médio

RESISTÊNCIA

Entraram no nosso país
e plantaram a dor.
Escravizaram meu povo,
apagaram nossa cor.
Tiraram nossa cultura,
tentaram nos negar.
Hoje eu busco minhas raízes,
para tentar me reencontrar.

Apesar de tanta dor,
nós nos levantamos.
Carregando marcas,
de um passado sombrio.
Transformamos a dor
em um canto bravio.
Apesar da opressão,
não perdemos o brio.

Embora tenham tentado
a nossa cultura apagar,
RESISTIMOS!
Temos muita história a contar...

Sabrina Ipólita da Silva Robadel
1ª Série do Ensino Médio

MINHAS RAÍZES AINDA VIVEM

Ainda cravado em meus ossos
a lembrança do que era nosso
Tirado de meu berço
por um povo que diz que não o mereço
Meus descendentes ainda irão viver
porque nossa fé ninguém irá prender

Um belo horizonte vejo a minha espera
Mesmo sentido saudade da minha terra
Não abaixaremos nossa cabeça
Mesmo que a situação não nos favoreça
Sinto os olhares em minha pele
Imaginando se faço algo que não se deve

Em minha história vejo refletir
Pensando no que virá porvir
Parece que estou no começo
E realmente só isso que eu mereço?
Uma guerra que não escolhi lutar
Mas se não eu, quem irá me salvar?

Bianca Teixeira Barbosa
2ª Série do Ensino Médio

CADA COR TEM SEU VALOR

Negros, brancos, indígenas e imigrantes,
Somos todos diferentes, mas todos gente,
Cada cor tem seu valor,
E merecem ser tratados com igualdade e amor.

O preconceito tenta separar,
Mas juntos podemos lutar,
Por uma diversidade,
Em que haja felicidade.

Cada povo com sua cultura e tradição,
Formando assim uma grande nação,
E juntos formamos uma só corrente,
Onde todos estejam presentes.

Cleisiane Teixeira Coelho
2ª Série do Ensino Médio

EDUCAÇÃO ÉTNICO-CULTURAL

Na diversidade está a beleza,
Da diversidade nasce a fortaleza.
Quando as pessoas se abrem à cultura,
Nasce o respeito e amor que perdura.

Indígena, branco, negro, irmão,
Todos juntos formam a nação.
Não há ninguém menor ou maior,
Todos têm seu lugar e também seu valor.

A diversidade étnica e cultural no Brasil
Contribui para a beleza da pátria serena e gentil.
Cada povo, cada língua, cada tradição
Mostram que respeito e amor são base da nação.

Discriminação e preconceito não têm seu lugar,
A justiça e o amor devem sempre reinar.
Seja na escola, na rua ou em qualquer lugar do país,
Seu coração aberto é a força da matriz.

Gesseara Dias Pereira
2ª Série do Ensino Médio

ERGUE-SE A VOZ

Ergue-se firme a voz do povo
Mesmo quando o vento tenta nos levar
Mesmo que tente nos calar
A liberdade irá cantar

Há um grito de dor no ar
Um muro para se quebrar
Correntes e algemas tentando nos calar
Tendo uma vida inteira para conquistar

Somos iguais, não tem o que questionar
Não pode haver limites para sonhar
Canto para que as correntes possam se quebrar
Grito para que a liberdade enfim venha cantar

Em uma pele escura a história e a dor
Se a cor nos divide, que a dor venha nos unir
Que a máscara venha cair
E um sorriso possa se expandir

Kiara Evelin Pereira Cristo
2ª Série do Ensino Médio

NA PELE, UM TOM

Na pele, cada um carrega um tom
que é uma pequena parte de nós.
Porém, não tudo:
Há coração, há som,
Há pontes que se erguem em nossa voz.

Não existe cor de pele padrão,
Temos os negros, os brancos, amarelos...
É muito mais nessa multidão.

São apenas nomes que tentam separar
Quando na verdade,
São fios do mesmo tecido, prontos para amar.

E é nessa mistura, que mora nossa beleza,
No olhar e no gesto, a força de valorizar.
Unindo diferenças, construímos igualdade,
É um futuro melhor, que possamos respeitar!

Lavinia Amaral de Melo
2ª Série do Ensino Médio

MINHA FORÇA, MINHA ETNIA

No estado de Minas Gerais,
em Santa Maria do Suacuí,
nasceu minha bisavó Blandina
da tribo tupi-guarani.

Cresci escutando suas memórias,
histórias de lutas a me inspirar,
raízes contadas em tantas histórias,
orgulho que nunca vai se apagar.

Do sangue indígena vem a memória,
raízes que não vão se apagar,
na pele carrego a força da história,
um povo que nunca vai se calar.

A cultura me guia no dia a dia,
nos cantos que o vento faz lembrar,
na dança, na fé, na sabedoria,
um mundo que insiste em continuar.

Ser indígena é ter resistência,
é viver, é lutar, é sonhar,
etnia que mostra sua essência,
na luta que segue sem recuar!

Mariana Rodrigues Gonçalves
2ª Série do Ensino Médio

O AR DA MEMÓRIA

É loucura pensar que, ao nascer do dia,
O ar sereno, da brisa leve e macia
Foi também o sopro da luta por liberdade,
De quem sofreu e carrega marcas da crueldade.

O mesmo ar que me envolve de leveza,
É o que sustenta a dor e a tristeza
De tantos que foram forçados a sofrer,
Mas que em silêncio, ousaram viver.

É loucura esquecer que, no meu respirar,
Houve quem na senzala implorou por um só lugar
Enquanto eu sigo, sem mesmo agradecer,
Alguém clamava para sobreviver.

Sarah dos Santos Monteiro
2ª Série do Ensino Médio

RACISMO

Nós somos todos iguais
Não há raça, nem há cor
Se em nosso coração
Houver amor, muito amor

Sentimentos e emoções
Vivem em nossos corações
Nós temos muitas razões
Para respeitar o nosso irmão

Se o nosso sangue é igual
É vermelho em qualquer tema
Não devemos transformar a cor da pele
Em um problema

Yan Gabryel Gonçalves Faria
2ª Série do Ensino Médio

IDENTIDADE

O que te torna diferente dos iguais?
Qual característica te torna tão especial?
Por que você não se encaixa no padrão?
Mas que chato seria se todas as fusas fossem iguais.

Pretinho, branquinho ou até mesmo azulzinho,
O seu brilho não deve encaixar no padrãozinho.
Um dente tortinho, uma pintinha pequenininha,
Cada um com sua essência e sua marquinha.

A identidade é única, assim como seu olho puxadinho.
Não se perde e não se encaixa, afinal, cada um se conhece.
A diversidade é que torna o Brasil tão especial.
O amor, saúde e a paz são a energia natural.

Verde imenso, pulmão que respira.
Amarelo é o brilho da esperança e da paz.
Azul é o céu que nos guia em união.
Branco é o sonho de igualdade de todos os irmãos.

Somos feitos de cores, de culturas e de histórias vividas em muitas
outras nações.
Cada traço é sinônimo de força, cada voz é verdade,
na união floresce a nossa IDENTIDADE.

Alice de Souza Bastos
3ª Série do Ensino Médio

ELA É QUEM ELA É

Ela é quem ela é
assim, do jeito que é:
preta, do jeito que é,
forte e guerreira, do jeito que é
o racismo e o preconceito
não mudam quem ela é;
não apagam sua história,
não têm o poder de ditar seu futuro
ela é quem ela é
somos quem somos,
e somos iguais,
mesmo tão diferentes
eu,
você,
ela,
e você
olhos, boca,
nariz, orelha,
pernas e braços...
sua cor de pele
não te faz melhor
nem pior que ninguém
cada um é do jeito que é,
e ela é quem ela é,
assim, do jeito que é.

Clarice Lopes Fonseca Tuler
3ª Série do Ensino Médio

- NAGÔ -

Nagô, meu amor, dos teus cabelos,
E da sua cor da virtude humana,
Enfim, és presença soberana.
Sua alma que porta tristes lembranças,
Que não condizem com sua face.
Em teu povo injustiçado que chegou
Aturdido,
Ser raízes enterradas em terras áridas,
Nutrindo enterrada em terras áridas,
Nutrindo a árvore de outrem,
Sem jamais ver o esplendor do céu.
Eram velas acesas nos ares vívidas,
Persistentes, porém sem condição de troféu.
E vem a tempestade e esfria o fogo da esperança.
Nagô, meu amor, és tudo e mudança.

Daniel Rodrigues Ferreira
3ª Série do Ensino Médio

---- AOS NETOS DE IZAURA ----

Na minha pele carrego memória,
Ferida aberta ao sol que queima o corpo,
E no olhar da minha gente uma história,
mas que ecoa em cada traço do meu povo.

Disseram “o tom é só um detalhe”
E com detalhes escreveram corrente,
Construíram senzalas, por toda parte
silenciaram uma história, hoje ausente
Roubaram nossa terra, nossa força e nossa arte.
Raça cujo o corpo foi coberto pelas noites,
E em meio açoites, transcende a chama ardente

Igualdade, ínfima promessa
Se no pulso jaz as marcas, assim, acorrentadas as mentes.
Que liberdade é essa?
Se me olham diferente, divergente de alguma racionalidade
E o preconceito toma frente, tornando turva a visão da verdade,
E a acaba por se tornar mais importante a cor da pele, doutrinando os tolos
Há seu senso de superioridade,
Libertar, distante à liberdade.

Preto líder, cacique, diplomata,
Médico, poeta, terno e gravata,
Queimando toda estrutura, estigmatizada
Estaremos no topo, todos, netos de Izaura,
E no choro, a luta será fragmentada,
Compartilhada com todos, internalizada
Nas escolas, nas ruas nas casas,
Ouvirão o nosso canto.

Esthevão Dias da Silva Borges
3ª Série do Ensino Médio

MEMÓRIAS E SILÊNCIOS

Por vezes ouvi na escola que racismo é crime.
Mas, por que diariamente pessoas são presas pela prática racista?
Por vezes ouvi na escola que todos somos iguais.
Mas, por que alguns as tratam com tanta indiferença?

Por vezes ouvi na escola que vidas negras importam.
Mas, na realidade são desvalorizadas e desprezadas.
Por vezes ouvi na escola a frase “eu não sou racista”.
Mas, a prática não condiz com a fala.

E no presente, será que ainda vejo o Gustavo?
Que faleceu quando estávamos no sexto ano,
Que pela negligência por parte da família e da sociedade
teve um câncer no pescoço.

Será que ainda vejo o “Dedé”?
Que desistiu dos estudos ainda novo,
E que ficou apenas na lembrança,
Não sei se está vivo ou se está morto, se está bem...

E o futuro, o que podemos esperar?
Mais respeito, mais valorização
Mais reconhecimento, mais conscientização
E que aqueles que começarem o sexto ano,
Possam terminar, assim como eu.

Sábila de Oliveira Faria
3ª Série do Ensino Médio

POSFÁCIO



Ao longo das páginas lidas, percebemos o desejo dos estudantes em construir uma sociedade com mais equidade por meio dos conhecimentos construídos ao longo dos anos de estudo. Os textos em prosa e os poemas retratam dores e tristezas causadas pelo racismo e, por mais que essas angústias sejam fortes, percebemos gritos de esperança ecoando em cada linha escrita. Há nos textos uma proposição de muitos olhares que compreende que ensinar é um ato de esperança e resistência.

A obra fala por si, sem precisar que nós professores a expliquemos, pois nos escritos há a voz daqueles que poderão mudar realidades. Mais do que textos, temos vozes que se unem para afirmar identidades, celebrar culturas e inspirar transformações, e que nos inspiram a sonhar com uma escola que caminha junto com a sociedade, e onde a igualdade não seja apenas uma meta, mas uma vivência cotidiana.

Com olhar atento para a valorização da diversidade, o combate ao preconceito e a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva, é que a EEEFM Pastor Antonio Nunes de Carvalho encerra essa leitura com um chamado: que possamos construir uma educação comprometida com a ética e com a justiça racial, capaz de valorizar nossas origens e de abrir espaço para que cada um floresça. Além disso, procurar formar cidadãos conscientes, que respeitem a diversidade e combatam todas as formas de exclusão torna-se o nosso principal objetivo.

Ensinar sobre as relações étnico-raciais é promover a liberdade, a dignidade e a igualdade de direitos. Trata-se de criar oportunidades para que os estudantes se vejam como detentores de conhecimento, com narrativas e tradições que devem ser valorizadas e compartilhadas. Portanto, temos a certeza de cada texto aqui reunido não se limita a

ser apenas palavras impressas. Expressamos e afirmamos que são, na realidade, memórias que resistem e identidades que florescem no tempo presente.

Alineia Scopel Benfica

Flávia Galdino Benício e Silva

Gilda de Almeida Bastos

Jamila de Almeida Rodrigues

Josely Menegucci de Souza Vargas

Lívia Conceição Matiello Amaral Fonseca

NOTA

Esta obra foi viabilizada com recursos recebidos conforme a Portaria nº 362-R, de 26 de dezembro de 2024, que dispõe sobre o repasse de recursos financeiros do Programa Estadual de Gestão Financeira Escolar (PROGEFE) aos Conselhos de Escola. Por meio dessa portaria, a Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Pastor Antonio Nunes de Carvalho teve parte dos recursos de custeio destinada a ações do Programa de Educação das Relações Étnico-Raciais (ProERER), instituído pelo Decreto nº 5389-R, de 9 de maio de 2023.



**GOVERNO DO ESTADO
DO ESPÍRITO SANTO**

